Grandes Oficinas Gráficas «Minerva», de Gaspar Pinto de Sousa, Sucs., Ldt.ª — Vila Nova de Famalicão — 1950

FLORBELA ESPANCA

SONETOS COMPLETOS

LIVRO DE MÁGOAS ★ LIVRO DE SOROR SAUDADE ★ CHARNECA EM FLOR ★ RELIQUIÆ

8.ª EDIÇÃO

COM UM ESTUDO DE JOSÉ RÉGIO

LIVRARIA GONÇALVES • COIMBRA

DEPOSITÁRIA NO BRASIL
LIVRARIA H. ANTUNES & C.ª
RIO DE JANEIRO

FLORBELA

Estudo

de

JOSÉ RÉGIO

FLORBELA

I

NUM belo e denso estudo que é, sem réstea de favor, o que de mais fundo se escreveu até hoje sobre Florbela Espanca [1], procura explicar Jorge de Sena o silêncio da crítica perante as primeiras manifestações da grande poetisa. Também o silêncio da crítica «presencista» é aí explicado; e certamente não sem engenho. Mas o que me parece é que os primeiros presencistas ignoravam Florbela Espanca. Só depois a sua obra se divulgou. Por mim, com vergonha e pesar confesso que só mais tarde a conheci. A tê-la conhecido mais cedo, creio que me não teria passado despercebido o que logo se impõe a quem leia os versos de Florbela: A sua poesia é dos nossos mais flagrantes exemplos de poesia *viva*. Quero dizer que toda nasce, vibra e se alimenta do seu muito real caso humano. Ora o primeiro artigo do primeiro número da revista *presença* intitulava-se *Literatura Viva*. De *Literatura Livresca* e *Literatura Viva*

---

[1] Jorge de Sena — *Florbela Espanca ou A Expressão do Feminino na Poesia Portuguesa* (Biblioteca Fenianos).

se rotulava uma espécie de número-manifesto da mesma revista. Isto é: Por muito desconhecidos ou deformados que por aí andem tais propósitos da «*presença*», desde logo se propôs ela combater o que chamava *literatura livresca* em nome do que chamava *literatura viva;* desde logo sustentou que toda a obra de criação vive mas é da íntima vida do criador, e de nenhum modo basta o mero talento formal a impô-la. «*Literatura viva*» — escrevia em 1927, nesse primeiro artigo da revista «*presença*», o autor destas linhas de hoje — «*literatura viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e por isso mesmo passa a viver de vida própria. Sendo esse artista um homem superior pela sensibilidade, pela inteligência e pela imaginação, a literatura viva que ele produza será superior; inacessível, portanto, às condições do tempo e do espaço.*» Ora não é verdade que perfeitamente se ajusta o essencial destes dizeres à obra de Florbela?

Eis o que desde início pretendo frisar: A obra de Florbela é a expressão poética de um caso humano. Decerto para infelicidade da sua vida terrena, mas glória do seu nome e glória da poesia portuguesa, Florbela viveu a fundo aqueles estados quer de depressão, quer de exaltação, quer de concentração em si mesma, quer de despersonalização por tudo, que na sua poesia atingem tão vibrante expressão. Mulheres com talento vocabular para talharem um soneto como quem talha um vestido; ou bordarem imagens como quem borda a missanga; ou (o que é menos agradável) se dilatarem em ondas de verbalismo como quem se espreguiça por nada ter que fazer, que

dizer, — naturalmente as houve, e há, antes e depois da vida de Florbela. Até já por aí vai a gente vendo qualificados de extraordinários casos poéticos — meros casos de psitacismo literário. Também, decerto, apareceram na nossa poesia autênticas poetisas, antes e depois de Florbela. Nenhuma, porém, até hoje, viveu tão a sério um caso tão excepcional, e, ao mesmo tempo, tão significativamente humano. Jorge de Sena dirá: tão expressivamente feminino. Mas, sem contrariar essa valiosa intuição que preside ao seu estudo — a representativa e, por isso, excepcional feminilidade de Florbela — tentarei esboçar adiante como este caso me parece chegar a transcender qualquer distinção de sexos.

Porém o que estou afirmando, como ou por que o afirmo? Que dados tenho para assegurar que Florbela viveu o que escreveu? Não conheci Florbela. Bem pouco sei da sua vida. Confesso, até, que me não interessou de maior grande parte da sua correspondência publicada. Ora a estranheza do fenómeno está em que, precisamente, as vivências de um artista são induzidas da convincente expressão literária que lhes ele deu. Por outras palavras, e exemplificando com Florbela: Da originalidade, da força, do comunicativo e fundo tom que deu Florbela a tantas das suas expansões e confissões, (originalidade, força e tom que só grosseira e exteriormente podem ser imitados) vem ao leitor a íntima convicção de haver ela vivido o que diz, sentido o que exprime. Convencido do que, já parte o leitor de tal certeza — a existência de um real caso humano — para explicar e até interpretar a expressão lite-

rária que lhe é dada. Uma sorte de jogo de vaivém se desenvolve assim entre a sinceridade artística e, digamos, a sinceridade humana de uma criação... ou do seu criador. Nem outro fundamento pode haver para afirmarmos, por exemplo, a sinceridade de Cristóvão Falcão ou Camões, cujas biografias e psicologias nos permanecem, ainda, tão ignoradas.

Qual, então, o caso de Florbela, se nos persuade a sua poesia de ter ela vivido o que exprime?

II

Fantasia (ou não sei se fantasia) um dos seus biógrafos [1] que, tendo acabado de dar à luz, a mãe de Florbela perguntara:

«— ... menino? ...

— Não, menina! E' uma flor!»

Sim, antes de mais, Florbela nasceu mulher. Também alguma coisa se irá dizendo a tal respeito. Não é impunemente que um ser excepcional nasce mulher. Porém depois de ter nascido mulher, e mulher excepcional, Florbela nasceu artista; nasceu esteta. No sentido um pouco restrito aqui dado ao termo, eis o que não é vulgar mesmo nas mulheres que escrevem. No geral, é antes pela força do sentimento, mais que pela faculdade de o exprimir

[1] Carlos Sombrio — *Florbela Espanca.*

estèticamente, que se impõem as criações literárias das mulheres. Ora sem dúvida, possuiu Florbela o dom, que caracteriza o artista literário, de manejar as palavras de modo a fazê-las render o máximo de sugestão, de insinuação, de expressão, de relevo. Os jogos vocabulares e paralelísticos tão queridos dos poetas portugueses:

Saudades de saudades que não tenho...
Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...

os aparentes desleixos ou improvisos que são verdadeiros tesoiros de sugestão:

E, à tua espera, enquanto o mundo dorme,
Ficaria, olhos quietos, a cismar...
Esfinge olhando, na planície enorme...

ou:

Vou sendo agora em ti a sombra leve
De alguém que dobra a curva duma estrada...

as cristalizações e formas lapidares que atingem o definitivo:

— São os teus braços dentro dos meus braços
Via-Láctea fechando o Infinito.

as audaciosas invenções que elevam a expressão ao paroxismo:

Ah! podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!

ou:

E à volta, Amor... tornemos, nas alfombras
Dos caminhos selvagens e escuros,
Num astro só as nossas duas sombras!

os supremos versos como *vibrados*, nus, que dão a impressão de *não terem podido ser senão assim*:

— Eu fui na vida a irmã dum só irmão,
E já não sou a irmã de ninguém mais!

ou:

Dou-te o meu corpo prometido à morte!

ou:

Olho assombrada as minhas mãos vazias...

— isto e todos os mais recursos ou achados a que uma sensibilidade de artista reconhecerá qualidade estética (não desprezando certos caprichos de gosto, e até vulgaridades brilhantes, por comprovativos embora menos felizes) fazem da obra de Florbela uma obra de arte única na poesia feminina portuguesa. De modo nenhum quer isto dizer que seja uma obra perfeita. Não faltam, nesta cultora do soneto, as palavras, os versos, os grupos de versos, só para rimar ou só para encher; o que significa não lhe faltar aquela condescendência — desconhecida dos artistas mais exigentes — que, no deslumbramento dos versos inspirados e supremos, negligentemente aceita quaisquer vizinhos pobres. Já tal condescendência me parece mais feminina. Todavia, também na obra de Florbela há não só esses versos inspirados e supremos que revelam a genialidade de

um poeta, (pois decerto foi ela genial em vários momentos, ou, por outras palavras, alcançou explicitar em vários momentos uma genialidade implícita em toda a sua obra) mas ainda sonetos perfeitos que bem creio ficarão a par dos melhores da nossa língua. Neste sentido, que distância entre o *Livro de Mágoas* e a *Charneca em Flor!* Apagadas quaisquer reminiscências de Antero e, sobretudo, de Anto; excedidos pela realidade os seus pressentimentos de infortúnio e as suas perplexidades juvenis; ganhos uma experiência da vida e um aprofundamento de si mesma que lhe dão plena consciência tanto dos seus bens próprios, aliás tão perigosos, como do seu mal irremediável, — em vários sonetos da *Charneca em Flor* atinge Florbela aquela expressão que, por supremamente pessoal, se volve em colectiva. Não é esta uma das magias da grande Arte?

III

Mas voltemos atrás: ao tempo em que Florbela nascia, e nascia Mulher. Donde vinha, vindo a este mundo? Mais tarde se revela na sua poesia, como uma verdadeira intuição obsessiva e não só o capricho literário que também é, o pos-sentimento de ter vivido em outros mundos, em outras vidas, em outros países: de ter sido não só quaisquer das figuras romanescas sonhadas pela fantasia dos poetas ou vitralizadas pela história e a lenda — princesa, infanta, monja — mas ainda árvore, flor, pedra, terra, senão nuvem, som, luz...

Já neste misto de capricho literário e intuição profunda, (mas vão lá saber onde, num artista, principia ou acaba uma coisa ou outra!) de certo modo aponta o narcisismo de Florbela. Em muitos passos ou aspectos da sua obra se afirma iniludìvelmente esse narcisismo. Ora eu não sei se o narcisismo, que pode andar aliado ao D. Juanismo, é tendência caracterizadamente feminina. Suspeito que antes caracterize uma espécie de hermafroditismo psicológico; — e assim se explicaria o não ser muito raro entre artistas. Narcisismo, D. Juanismo, hermafroditismo psicológico, eis pesados termos, por demais pesados, para, com eles, denunciar certas inclinações da poesia de Florbela. Não obsta que sejam muito reais tais inclinações. Porém já no narcisismo de Florbela há uma garridice que nos impressiona por muito feminina: Também, às vezes, ela se encanta consigo mesma ou para atrair o amado, ou como para valorizar aos olhos dele a sua dádiva de si. Por certo, ainda não é este senão um primeiro grau da sua feminilidade. Também na sua voluptuosidade por vezes tão veementemente expressa, (ia a dizer: tão *gritada)* nada vejo ainda de pròpriamente excepcional. A diferença, aqui, é só de grau. E dos elementos de insaciabilidade que aí se manifestam, e que são, estes, característicos do caso de Florbela como sinais, embora demasiado humanos, da sua fome de Absoluto,

Estonteante fome, áspera e cruel,
Que nada existe que a mitigue e a farte!

já falarei adiante. Onde a feminilidade de Florbela se revela profunda — é antes no seu complexo ora de fraternidade, ora, sobretudo, de maternidade, e não só para com o amado-amante, como para com tudo quanto ame. É, em suma, na identificação do amado-amante com o Sol, e na de si própria com a Terra que o Sol fecunda. A terra; a charneca em flor; as árvores, que são filhas da terra e se desentranham em frutos; os lagos, que se abrem ao sol e se fecham de terra por todos os lados, — tudo não são coisas com que Florbela se identifica por supremamente Mulher? não são símbolos femininos com que se torna ela própria simbolizante?

IV

Porém esta Mulher parece haver nascido com duas incuráveis feridas: Uma, a sua insaciabilidade; outra . . ., da outra, falarei depois.

Impossível lermos Florbela Espanca sem reconhecermos uma sua inquietação, uma sua insatisfação, que se vão manifestando como irremediáveis. Foi ao que chamei a sua insaciabilidade. A princípio, ou de longe em longe através de toda a sua obra, decerto ainda alvorecem os sonhos e as espectativas, ou chispam as rubras horas de sensualidade feliz, ou resplandecem momentâneos oásis de orgulhosa plenitude. Muito poderosos (ou muito violentos) são os instintos pagãos de Florbela; não se temeu ela de os cantar em versos de admirável intensidade. No fim e

ao cabo, todos esses ímpetos, exaltações e satisfações não duram senão o instante que lhes coube. O que lhe cabe a ela, como coisa própria sua, é a insatisfação; a insaciabilidade; a ansiedade. Em que medida foi de raiz fisiológica tal insatisfação, não importa por agora, ou para aqui. O vulgo por um lado, os médicos por outro, lhe dão, às vezes, nomes que nada explicam. Já veremos, porém, como se vai ela dilatando, sublimando, até uma ânsia de absoluto que, por certo, excede quaisquer limites de pessoa ou sexo.

Poeta do amor como tantos outros poetas portugueses, — mas muito particular poeta do amor — sobretudo através das suas atitudes amorosas se me afigura confirmar-se o que estou aventando. Não comecemos, entanto, por crer que todas o confirmam: Como quaisquer raparigas, a singularíssima Florbela procurou o amor e esperou o seu *Prince Charmant*. Decerto, algumas vezes o julgou ter achado. Sonetos de *cega* de amor, também Florbela os escreveu; dos mais vibrantes da nossa língua! E é comovente como o seu orgulho — esse esplêndido orgulho que é não só reacção contra a mesquinhez que a rodeia mas também consciência do seu valor e excepcional destino — se roja perante o amado:

Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor!

Eu, doce e humilde escrava, te saúdo,

ou ascende às culminâncias do sacrifício e da renúncia:

E se mais que eu, um dia, te quiser
Alguém, bendita seja essa Mulher,
Bendito seja o beijo dessa boca!!

Todavia, não creio que nestes se exprima o singular, o mais pessoal, de Florbela. Embora fazendo apaixonados sonetos de amor até ao fim, e não obstante a feminilidade que já vimos dar tom ao seu narcisismo, lembremo-nos, continuemos a lembrar-nos que Florbela gosta demasiado de si mesma, comprazendo-se em cantar «os leves arabescos» do seu corpo, a sua «pele de âmbar», os seus «olhos garços», sobretudo as suas mãos que tanto veste de imagens. Pormenor impressionante: O que mais parece agradar-lhe em si própria — as mãos e os olhos — é o que também mais canta no amante-amado. Dir-se-ia que ainda nele se espelha, se procura um pouco a si. E sem dúvida poderemos pensar que, em vários dos seus sonetos considerados de amor, ela é que é o verdadeiro motivo, e o pretenso amado um pretexto. Ora narcisismo e egolatria, não parece que sejam muito favoráveis ao dom de amar. Mas não é a mesma Florbela quem, noutros sonetos, nos diz a sua descrença do amor?

Numa personalidade contraditória e rica, (pelo menos aparentemente contraditória) e «*sendo a si tão contrário o mesmo amor*» segundo Camões, decerto seriam compreensíveis tais fluxos e refluxos do sentimento, tal diversidade de atitudes, se novos dados não viessem reforçar a hipótese que estou desenvolvendo: impossibilidade de Florbela achar satisfação no amor. Um, é aquele mistério do *desencontro* que já impressionou Jorge de Sena. Versos como aqueles

— os mais ardentes ou os mais espirituais — que ora realmente são, ora só o parecem, de encontro amoroso, muitas outras poetisas os escreveram; embora sem a superioridade literária dos de Florbela. Já de modo nenhum me parecem correntes versos como estes:

Tens sido vida fora o meu desejo
E agora, que te falo, que te vejo,
Não sei se te encontrei... se te perdi...

ou:

Deus fez-me atravessar o teu caminho...
— Que contas dás a Deus indo sòzinho,
Passando junto a mim, sem me encontrares?

ou:

E eu ando a procurar-te e já te vejo!...
E tu já me encontraste e não me vês!...

O que nestes e em outros versos se exprime, é nem mais nem menos a impossibilidade do amor: Ou se frustrou o encontro, ou o encontro foi um desencontro. Por culpa de ele? por culpa de ela? Decerto se lamenta ela de que a não encontrem: de ser a enjeitada, a deserdada, a perdida, a pobre que tudo deu e a quem ninguém dá... Mas também é ela quem confessa:

Amar-te a vida inteira eu não podia.

ou:

Eu bem sei, meu Amor, que era preciso
Fazer do amor que parte o claro riso
Doutro amor impossível que há-de vir!

ou:

Mas 'inda um dia, em mim, ébrio de cor,
Há-de nascer um roseiral em flor
Ao sol de primavera doutra boca!

Isto é: Por muito que ame e torne a amar, (o que implica cegueiras de momento) não a cega a ilusão de um amor único; nem sequer a de um grande amor:

Como se um grande amor cá nesta vida
Não fosse o mesmo amor de toda a gente!...

Inútil citar os sonetos, alguns belíssimos, em que o temperamento amoroso de Florbela se expande. (De passagem se diga que seria um erro supor incompatível esse temperamento com certas reacções, da mais caprichosa feminilidade, contra os gestos e actos das horas mais rubras.

Sou chama e neve branca e misteriosa...

escreveu Florbela no soneto que, precisamente, denominou *Horas Rubras.*) Combinando-se com esse temperamento de amorosa, eis o que dão, então, as suas longas decepções e contradições:

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

E na segunda quadra:

Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Ou este grito de um soneto incompleto:

Eu não sou de ninguém!... Quem me quiser

e basta citar o último terceto para se compreender que quem a quiser há-de ser um Deus:

Há-de ser Outro e Outro num momento!
Força viva, brutal, em movimento,
Astro arrastando catadupas de astros!

Demais, bem claramente acaba por o dizer ela própria:

Um homem? quando eu sonho o amor dum Deus?

Assim se fecha o ciclo: Espera do amante-amado; encontros com os vários amados; sentimento do desencontro; negação do amor único e do grande amor; entrega ao *amar só por amar*, com recusa de pertencer a alguém; total decepção do amor dos homens; apelo para um Deus que não virá.

De modo nenhum pretendo eu pôr cronologia nestes passos do calvário amoroso de Florbela. Muito possível

é que alguns deles, os tenha ela vivido simultâneamente. Mas ter-se-á fechado aí o ciclo? ou poderia fechar-se aí? Permitido será supor que não: Nem o Deus que viesse amá-la, sendo *um* Deus, lograria satisfazer a sua ansiedade! Por certo o acharia ela demasiado humano; e até com ele se repetiria a tragédia do desencontro. Só Deus uno e absoluto (não *um* Deus — mas Deus) poderia saciar aquela alma supremamente inquieta. Certo momento há na sua poesia, em que, repetindo um pensamento célebre, parece Florbela acolher-se a tão alto refúgio:

Quem sabe se este anseio de Eternidade,
A tropeçar na sombra, é a verdade,
É já a mão de Deus que me acalenta?

Não passa isto de um momento que, para ter continuidade, exigiria de Florbela uma forma de génio que ela não atingiu: o génio místico das santas que o foram depois de pecadoras. Assim, a sua insatisfação e a sua ansiedade eram, de facto, insanáveis.

V

O outro mal de Florbela foi *ser ela de mais para uma só*. Também, lendo a sua poesia, se nos impõe esta impressão de *não caber ela em si*: de transbordar, digamos, dos limites de uma personalidade.

Doença que o talento ou o génio podem tornar glo-

riosa, a mesma doença se nos revela em vários poetas modernos; caracterizadamente em dois dos maiores: Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. Em Mário de Sá-Carneiro, como que se enraíza o génio poético nessa quase física sensação, que o obsidia, do duplo; e, por vezes, ou do múltiplo, ou do impessoal. Em Fernando Pessoa, o excesso de uma grande inteligência escolasticizante, de uma pertinaz voluntariedade estética, de uma frustrada vocação de dramaturgo e novelista, de uma poderosa facilidade verbal que ele se compraz em tornar difícil — tudo magníficos dons que neste poeta constragem, porém, a verdadeira inspiração genial ou ingenuidade criadora — deram, de mistura com uma doentia tendência para a mistificação sarcástica, a por de mais falada invenção dos heterónimos com que o poeta se multiplicou.

Ambos muito mais espontâneos; muito mais *ingénuos*, ambos, no supremo significado valorativo que pode ter o termo quando referido a poetas, — é com Mário de Sá-Carneiro que melhor se aparenta Florbela nessa *natural* sensação, não de duplicidade, mas sim de impessoalidade, despersonalização, dispersão . . . Já atrás vimos como se narciza Florbela sonhando-se ter sido princesa, infanta, castelã, mística dona, sóror, lá nos países donde veio. Que, morta, ressurgirá em todas as outras mulheres beijadas pelo homem que a amou, também ela o diz. E também já vimos que lhe não basta haver transmigrado dentro da mera natureza humana, nos limites do reino animal racional: Pois não andou ainda por outros reinos da natureza, antes de ser, neste mundo, a Florbela de que

estamos falando? — aquela que *má fada* encantou? (1). Neste próprio mundo, quantas coisas é essa mesma Florbela!

E neste sonho eu já nem sei quem sou . . .
O brando marulhar dum longo beijo
Que não chegou a dar-se e que passou . . .

Um fogo-fátuo rútilo, talvez . . .

diz ela no soneto *Sonho Vago*. Ou, no soneto *Panteísmo*:

Vejo-me asa no ar, erva no chão,
Oiço-me gota de água a rir, na fonte,
E a curva altiva e dura do Marão
É o meu corpo transformado em monte!

Ou no soneto *Blasfémia*:

Sou no teu rosto a luz que o alumia,
Sou a expressão das tuas mãos de raça,
E os beijos que me dás já foram meus!

Eis fragmentos, colhidos ao acaso, de tantos exemplos em que a sua tendência para se dispersar por tudo, ou se reconhecer sob as mais diversas aparências, positivamente

(1) Com razão salienta Jorge de Sena essa concepção de Florbela de viver *encantada*, (como as princesas dos velhos contos) havendo de ser a Morte quem lhe *quebre o encanto*.

ultrapassa o mero capricho literário. Ainda que vestida, aproveitada, como um artista sabe aproveitar e vestir todas as suas realidades, tal inclinação lhe nasce de uma sensação muito real — pelo menos nos momentos agudos — de não poder reduzir-se à forma de um só corpo e à limitação de uma só alma. Ora não será esta uma das afirmações do Espírito, — a da sua imensidão?

Eis ao que profundamente visa Florbela, ainda que mal conscientemente o saiba: a *afirmar a sua imensidão.* Mas não será isto um auge dificilmente suportável, *ter visto* a sua imensidão dentro de uma prisão estreita?

Tantas almas a rir dentro da minha!

grita Florbela. E a quem se viu demasiado impreciso, demasiado misterioso, demasiado ansioso, demasiado rico, fluido e exigente para os limites da vida, será de espantar que principie o chão a fugir debaixo dos pés? Não precisava a obra de Florbela de qualquer outra garantia. Como Sá-Carneiro, porém, com a sua morte lhe deu ela uma nova garantia de autenticidade.

Terra, quero dormir, dá-me pousada!

A terra com que chegara a identificar-se ela própria, e que principiara de lhe fugir sob os pés, não teve remédio senão recolhê-la um pouco mais cedo no seu vasto seio.

VI

A que uma vez dissera:

E a Noite sou eu própria! A Noite escura!

também começara por dizer:

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo!

Mais tarde, esta legítima e orgulhosa aspiração atinge um verdadeiro auge. Então encontra suprema e complexa expressão no soneto *Mais alto*, que, não sendo dos seus mais perfeitos, é espantoso pelo que, de relance, ilumina, à luz de versos que fuzilam como relâmpagos de génio:

Mais alto, sim! mais alto, mais além
Do sonho, onde morar a dor da vida,
Até sair de mim! Ser a Perdida,
A que se não encontra!.........

Mais alto, sim! Mais alto! Onde couber
O mal da vida dentro dos meus braços,
Dos meus divinos braços de Mulher!

Foi Jorge de Sena quem, chamando a atenção para este soneto, ousou dizer o que não creio que Florbela

tivesse ousado sonhar: Que é impossível lê-lo sem evocar Aquela que o mundo cristão venera como suprema idealização da Mulher. Não crendo, porém, que conscientemente houvesse Florbela ousado sonhar tal identificação, bem posso crer que haja ela irrompido das profundezas do seu subconsciente.

Ora isto, que vulgarmente se chama orgulho, megalomania, delírio, (e, chamando-lhe doença, bem podem os amadores de psiquiatria ter a *sua* razão) não é senão outro aspecto do que ao mesmo tempo incapacitou Florbela para a vida do mundo, e a predestinou para a vida da arte: o sempre querer mais. Começando pelo vulgar sonho do amor de um, ei-la que chega ao *amar por amar*, ao sonho do amor de um Deus, ao amor cósmico... E não é de crer que em qualquer amor tivesse chegado, ou pudesse chegar, a achar descanso. Ela, que logo no *Livro de Mágoas* escreve estes versos já extraordinários:

> *Sou talvez a visão que Alguém sonhou,*
> *Alguém que veio ao mundo p'ra me ver*
> *E que nunca na vida me encontrou!*

negar-se-ia, também, a reconhecer esse próprio *Alguém* que fantasia tê-la sonhado. Começando por desejar o seu lugarzinho feliz ao sol deste mundo, ei-la que por tudo se dispersa, passando sempre adiante, a ponto de não caber na vida. Começando, e continuando intervalarmente, por impor a sua pessoa individual como a de Alguém, ei-la que ora se afunda em abismos de humildade onde se vê a

escrava, a enjeitada, a pobre de Cristo, ora se sobrepaira, em sonhos, até ultrapassar qualquer personalismo,

> *Até sair de mim!*

e vir a ser

> . . . . *A Intangível!*
> *Turris Ebúrnea erguida nos espaços,*

etc.

Assim sempre quis de mais, não podendo contentar-se com nada que tivesse; — por isso nunca chegou a ter nada: Ninguém chega a ter aquilo com que se não contenta. Florbela não era dos que nascem para ter. «*Ter é tardar*» — disse Fernando Pessoa, erguendo neste verso a bandeira dos pobres por opulência. E Mário de Sá-Carneiro: «*Morro à mingua, de excesso.*» Florbela não tardou, não teve. Morreu à míngua, — de excesso. E então, por uma reviravolta do Prisma, tem o que afinal sonhara desde menina:

> *Sonho que um verso meu tem claridade*
> *Para encher todo o mundo!*

O seu nome é hoje glorioso, e a sua glória não é das que só duram o dia em que nascem.

Janeiro-Fevereiro de 1950.

JOSÉ RÉGIO

Todos os exemplares são rubricados pelo proprietário da obra e pelo reeditor.

1912

● ● ● ● ● ● ● ●

«... Pelo seu apurado instinto de beleza formal, tão raro em mulheres até boas escritoras; pelo seu excepcional temperamento e vibrante sensibilidade; pela profundeza da sua alma revolta e ardente; pelo poder de comunicação com que, nos seus versos, se exprime o seu drama pessoal e o da paisagem que tão bem sentiu.

Florbela Espanca é a maior poetisa portuguesa de qualquer tempo e um dos grandes nomes da nossa poesia moderna.

Ninguém pode honrar Florbela Espanca; — ela é que nos honra. Ela é que honra as letras portuguesas.»

JOSÉ RÉGIO.

★

«... A maior poetisa portuguesa, émula, na poesia, de *Antero de Quental.*

Ela foi uma artista inigualável e deixou uma obra de rara beleza.»

P.e NUNO SANCHES.

● ● ● ● ● ● ● ●

● ● ● ● ● ● ● ●

«... É a obra completa da maior poetisa portuguesa de todos os tempos. Os seus sonetos são a floração esplêndida duma tortura íntima, dum rosário de amarguras que êsse gentilíssimo espírito soube transformar, misericordiosamente, em jóias literárias da mais pura água.»

CASTELO DE MORAIS.

no *Século Ilustrado*, de 30 de Dezembro de 1944.

«... É, sem favor, uma das poetisas mais inteligentes, mais profundas, de toda a nossa história literária. Tem alguns sonetos que não ficam abaixo dos melhores de *Antero de Quental.* Poucas poetisas portuguesas conseguirão igualá-la.»

M. ALVARO V. MADUREIRA.

in-*A Dor.*

«... Livro encantador e emotivo — êle é o espelho, nítido e claro, onde se refletem a inspiração doirada e o delicado temperamento duma das maiores poetisas portuguesas.

O Comércio do Porto, 4-1-45.

● ● ● ● ● ● ● ● ●